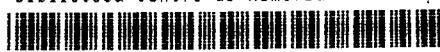


COSTA, Maria Teresa. Arquiteto descobre muro de século 18: jardim e quintal se transformam em sítio arqueológico. Correio Popular, Campinas, 28 jun. 1995.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE008842

Jardim e quintal se transformam em

‘sítio arqueológico’

A descoberta do muro fez o arquiteto transformar o jardim e o quintal de sua casa em campo de escavação. Árvores com raízes na superfície da terra podem indicar que no subsolo existam mais construções. Ele vai agora escavar debaixo de umas pedras que encontrou no fundo da casa, que segundo a planta original indicam o caminho da antiga senzala (que se existir, enterrada, está no quintal do vizinho). A descoberta fez com que também tivesse de remanejar a rede de água, esgoto e energia elétrica que passavam ao lado do muro de arrimo e modificar a entrada da casa. No século 18, a entrada para a tulha (que pode ter sido um pequeno engenho ou um pouso na beira da estrada) ficava no lado sul da propriedade, de frente para Valinhos. No século 19, quando a casa foi construída, a entrada passou a ser do lado norte, voltada para a antiga vila. Hoje, os portões estão de frente para a avenida Arlindo Joaquim de Lemos.

A sesmaria inicial, do

padre Manoel José Fernandes Pinto, o 11º vigário da vila, foi doada a sua afilhada Maria Felicíssima Miquelina de Abreu que se casou com Joaquim José Soares de Carvalho. O casal construiu a casa por volta de 1830 que iria mudar novamente de mãos quando a filha casa com Antônio Manoel Proença, uma figura de destaque na cidade (ele foi um dos diretores da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro). Em 1880 ele contrata o engenheiro Francisco de Paula Souza para fazer o levantamento topográfico da fazenda, numa época em que estava com problemas familiares para a divisão da propriedade. Paula Souza, que fez o primeiro plano de água e esgoto de Campinas queria usar os mananciais da fazenda (uma das nascentes do Anhumas) para abastecer a cidade. A proposta não é aprovada.

Tempos depois, seu genro, Arlindo Joaquim de Lemos, recebe a propriedade por herança (na época, já com o nome de Chácara Paraíso, tinha 16ha).

queires). Em 1940, seu filho, Arlindo Joaquim de Lemos Jr., divide a chácara em seis quinhões, entre os herdeiros. “É um momento rico na vida da cidade, com o início do capital imobiliário”, diz Costa Santos. Cada um dos seis herdeiros monta uma empresa imobiliária e até 1957 transformam a área em 18 loteamentos, gerando bairros e ruas cujas nomenclaturas são das famílias que desde o século 18 detinham o precioso pedaço de terra dentro de Campinas.